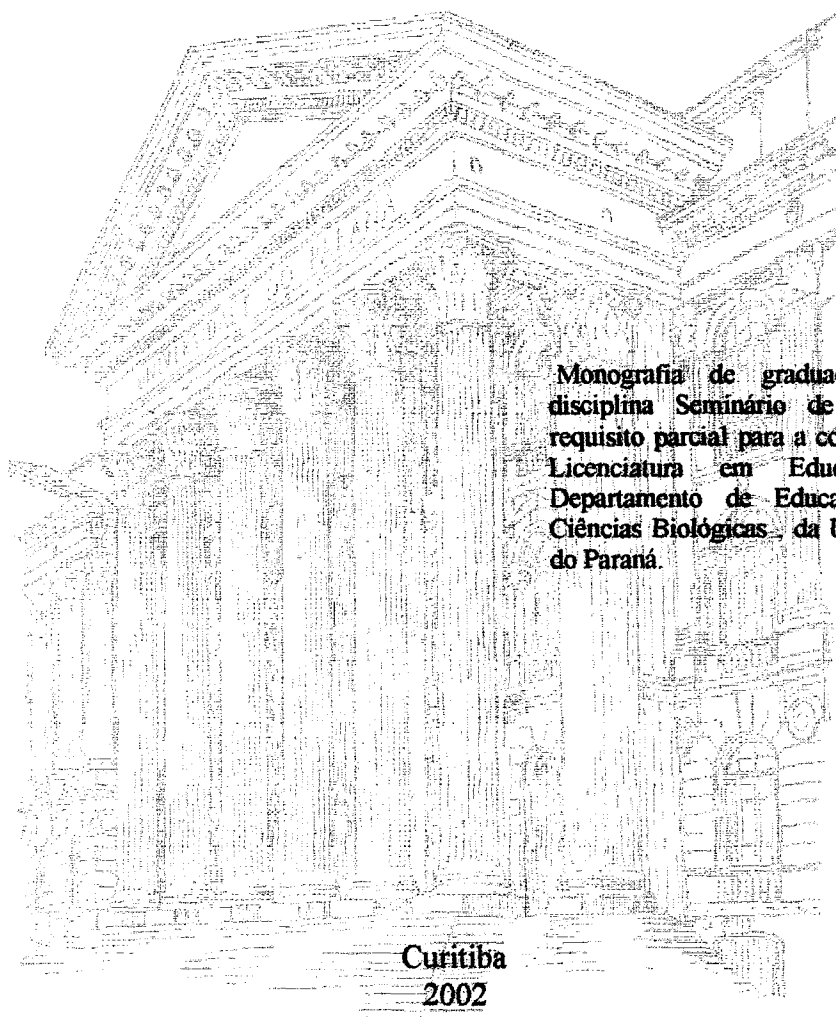


PEDRO DE ALCÂNTARA PEREIRA NETO

**“A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS EXCLUÍDOS
PROJETO NOVA VIDA”**



Monografia de graduação apresentada à disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Curitiba
2002

PEDRO DE ALCÂNTARA PEREIRA NETO

**“A EDUCAÇÃO FÍSICA E OS EXCLUÍDOS
PROJETO NOVA VIDA”**

Monografia de graduação apresentada à disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR

Rogério Goulart da Silva

CO-ORIENTADORA

Giselle Monique de Alcântara Pereira

“Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino pra lá...”.

(Chico Buarque)

DEDICATÓRIA

A minha família,
que me ensinou as primeiras lições da vida.
Aos que lutam pelo fim das injustiças,
e das desigualdades sociais.
Aos que acreditam que é possível construir
uma sociedade igualitária e solidária.

AGRADECIMENTOS

... aos meninos da Casa de Recuperação Nova Vida, com os quais pude vivenciar a condição de aprendiz;

... ao meu amigo Mário, que me acompanhou nesta caminhada e que nas horas difíceis não me deixou desistir;

... à minha irmã Giselle, que dentre todos os familiares foi quem mais me influenciou a seguir este caminho;

... à minha família, que sempre me apoiou nas decisões mais difíceis sem me privar da liberdade de escolha;

... ao meu orientador Rogério, que sempre me deu apoio para a conclusão deste trabalho;

... à professora Maria Regina, que me ofereceu subsídios para melhor fundamentar o trabalho;

... à minha namorada Juliana, que, no intuito de concluir seu Mestrado, me “contagiou” com sua dedicação e responsabilidade, que foram de vital importância para a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| RESUMO | vii |
| 1.INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA | 1 |
| 1.2 OBJETIVOS..... | 3 |
| 1.2.1 Objetivo Geral..... | 3 |
| 1.2.2 Objetivos Específicos..... | 3 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA..... | 4 |
| 2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA..... | 4 |
| 2.2 CONTEXTO SÓCIO- ECONÔMICO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES MARGINALIZADOS..... | 7 |
| 2.3 VIOLÊNCIA..... | 12 |
| 2.4 CRENVI (CASA DE RECUPERAÇÃO NOVA VIDA)..... | 17 |
| 2.4.1 Filosofia Pedagógica..... | 19 |
| 2.4.2 Atividades na Construção da Cidadania.. .. | 21 |
| 3.METODOLOGIA..... | 28 |
| 4.CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 30 |
| 5.REFERÊNCIAS..... | 32 |
| 6.ANEXOS..... | 34 |

RESUMO

Este estudo tem como objetivo mostrar o papel do educador como agente conscientizador e de transformação da realidade de crianças e adolescentes marginalizados.

A partir da experiência de três anos no projeto da Universidade Federal do Paraná, em parceria com a CRENVI (Casa de Recuperação Nova Vida), denominado “Nova Vida”, foi feita uma reflexão sobre o papel da Educação Física na reinsersão social de meninos de rua ou que haviam cometido furtos e/ou tráfico de drogas e outros delitos.

Para analisar a situação desses meninos, foi necessário fazer uma pesquisa bibliográfica em várias áreas como a da Sociologia, Antropologia, Pedagogia e outras. Buscou-se experiências semelhantes com as desenvolvidas na CRENVI e, principalmente, experiências desenvolvidas por educadores da área da Educação Física.

Após relatar os principais problemas dessas crianças e adolescentes e as possíveis conseqüências, destacou-se a questão da violência e a sua relação com a falta de cidadania.

Para finalizar, relato a origem do projeto desenvolvido na CRENVI, as atividades realizadas pelos bolsistas de Educação Física e por fim, uma reflexão sobre os acertos, os erros e as dificuldades enfrentados no processo de elaborar uma pedagogia que resgate a cidadania dos meninos internos da instituição.

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A partir da década de 80, conforme trabalhos de Medina, Oliveira, Bracht, Soares, entre outros, a Educação Física desperta seu olhar para sua própria crise em consequência de uma secular tradição baseada na cultura higiênica e eugênica, fortes suportes da pedagogia ortopédica que era voltada às famílias burguesas emergentes no início do século XX.

O positivismo, enquanto paradigma científico que sustentou a área, pôde manter-se incólume à críticas, graças às forças das normas sociais vigentes sustentadas pelo militarismo até o limiar de sua crise conjunta com a decadência do Estado.

Após 20 anos de novas buscas e perspectivas da área da Educação Física no tocante a sua inserção no mundo social e mudanças radicais no ferramental pedagógico, percebe-se ainda inúmeras dificuldades dos profissionais lograrem êxito com as pedagogias críticas e reflexivas voltadas para a superação de problemas sociais.

O interesse pelo tema, surgiu de encontros de Educação Física, principalmente o 20º ENEEF (Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física) realizado em Recife no ano de 1999. A partir daí, houve a preocupação em desenvolver um projeto eixo entre a Universidade e a comunidade. Para tanto foram concretizados contatos com a CRENVI (Casa de Recuperação Nova Vida), que realiza um trabalho com crianças e adolescentes carentes e/ou em situação de risco.

O contato com esse projeto, despertou o interesse em pesquisar e refletir sobre as condições de vida de crianças e adolescentes pobres, bem como a inserção social das mesmas, através de projetos de educação multidisciplinar.

Dessa forma, analisar o papel da Educação Física como importante instrumento para a socialização e construção da identidade e cidadania.

Diante do exposto, como a Educação Física pode contribuir enquanto força de transformação social do mundo vivido de crianças e adolescentes marginalizados ?

Na atual conjuntura em que fica evidenciado o poder econômico em detrimento de princípios dos valores humanos (amor, solidariedade, companheirismo), surge a necessidade de uma Educação Física que venha resgatar em um trabalho multidisciplinar, a ética e a cidadania.

Mas o que a Educação Física tem a ver com a construção da cidadania de crianças e adolescentes carentes? O fato do nosso corpo representar o meio e instrumento de comunicação e expressão no mundo em que vivemos , faz com que a Educação Física seja de crucial importância nas observações e sensações do indivíduo. Neste sentido percebemos a relação da Educação Física e cidadania quando constatamos que nossos corpos são portadores de feridas e cicatrizes impressas pela sociedade em que se vive. O sistema social manifesta-se nas proibições e permissões de contato corporal entre os indivíduos segundo as funções que lhes são atribuídas na estrutura social. Através do conhecimento sócio-econômico e político do grupo que a CRENVI atende, é possível observar no trabalho desenvolvido pela Educação Física a possibilidade de realizar a socialização e a construção da cidadania através de atividades que favoreçam o relacionamento interpessoal, o companheirismo e a vida em sociedade.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Refletir sobre as formas de atuação do profissional de Educação Física em projetos voltados para a inclusão social de crianças e adolescentes pobres.

1.2.2 Objetivos Específicos

Reconhecer na Educação Física um referencial teórico-prático que contribua , juntamente com outras áreas profissionais, em projetos que procurem orientar crianças e adolescentes em situação de risco para uma vida mais digna, passando de excluídos a incluídos na sociedade, ou seja, de marginais a cidadãos.

Relatar as dificuldades, expectativas e experiências do trabalho prático feito na CRENVI (Casa de Recuperação Nova Vida) por alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

O problema da criança e do adolescente marginalizado – de algum tempo para cá – tem sido assunto de destaque na imprensa falada e escrita do país e objeto de estudo nas universidades. Isso se deve a alguns fatores que já são mais ou menos de conhecimento geral: o aumento no cenário das grandes cidades de crianças e adolescentes dormindo nas ruas, cometendo atividades ilícitas como prostituição, assaltos, consumindo e vendendo drogas. Ou fazendo parte do grande contingente de trabalhadores informais: são vendedores de doces, flanelinhas, cuidadores de carros, os que pedem esmolas e que praticam tantas outras atividades que garantam sua mínima sobrevivência.

“A situação de exclusão social a que estão submetidas essas crianças e jovens é identificada, atualmente, como um problema social crônico no cotidiano dos grandes centros urbanos do Brasil, associado, no entanto, diretamente a questões mais abrangentes que envolvem a sociedade em sua totalidade, por exemplo aquelas ligadas às condições precárias de vida material – educação, saúde e moradia – de grande parte da população urbana; ao desemprego, subemprego ou emprego intermitente; ao perfil das políticas econômicas, de caráter excludente e concentrador de renda; à exclusão dos processos políticos decisórios e às inúmeras formas de opressão e violência presentes no cotidiano da sociedade.” (FRONTANA, p33,1999) .

O conceito de excluído ou de marginalidade é utilizado neste trabalho como um instrumento de valor descritivo, que permite caracterizar condições particulares em que se encontra a população de baixa renda. Em toda sociedade de classes, a marginalização é sinônimo de dominação, fenômeno esse característico das sociedades subdesenvolvidas ou em desenvolvimento como o Brasil.

Quando se fala em Educação Física na construção da cidadania, pensa-se logo em quem é o indivíduo que mais precisa incorporar e receber a cidadania na prática. Este indivíduo é o excluído, o marginalizado, crianças e adolescentes

pobres, aquele que mora nas ruas, que cheira cola nas praças, que pede um trocado nos semáforos, pois é ele a quem esta cidadania foi negada, é ele que faz parte da miséria do país por descaso e omissão do Governo, pelo individualismo das pessoas, pelo preconceito e exclusões de toda ordem.

Gilberto Dimenstein em seu livro "O cidadão de Papel" destaca que a criança e o adolescente são as maiores vítimas de uma sociedade que não resolveu os problemas do desemprego, da falta de escola, enfim, do desrespeito sistemático aos direitos humanos. Para ele, essa "é a cidadania brasileira, que é garantida nos papéis, mas não existe de verdade. É a cidadania de papel." (DIMENSTEIN,p.8,1994).

A Educação Física não pode mais fechar os olhos para estas questões. A Antropometria com todos os seus cálculos, o Desenvolvimento Motor, a Cinesiologia, a Anatomia, a Educação Física Escolar, entre outras disciplinas são de pouca utilidade se nós, profissionais de Educação Física e antes de mais nada, educadores, não entendermos de gente em toda a sua dimensão. Ao falar das funções da Educação Física, Oliveira assinala que, "apesar de ser uma atividade essencialmente prática, pode oferecer oportunidade para a formação do homem consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve" .(Oliveira apud DIAS,p.27, 1996).

Durante muito tempo a Educação Física tinha como objetivo ser uma disciplina formadora de atletas olímpicos e futuros campeões. Essa visão teve sua origem em um decreto governamental de 1971, em plena ditadura militar, que pretendia descobrir talentos para representar a pátria no exterior e motivar na população o sentimento ufanista. Apesar desse modelo persistir ainda nos dias de hoje, a partir dos anos oitenta, com o início da abertura política e do resgate da cidadania, surge na Educação Física uma nova corrente de pensamento que busca uma prática pedagógica comprometida na análise crítica da sociedade e na sua transformação.

“Configura-se então a pedagogia “histórico-crítica” que tem como compromisso a transformação da sociedade, estando vinculada aos interesses das classes populares.” (JANATA, p.20,1999).

Hoje a Educação Física busca contribuir para a atividade intelectual e para a formação do cidadão.

“Para a realização das atividades de Educação Física, no que se refere ao comportamento do indivíduo dentro de uma prática mais humanista, faz-se necessário que o professor, enquanto facilitador de descobertas, seja responsável pelo direcionamento de uma aprendizagem social mais dirigida aos valores humanos e sociais do que aos conhecimentos técnicos”. (DIAS, p.68,1996).

2.2. CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES MARGINALIZADOS

O Meu Guri

Quando, seu moço, nasceu meu rebento

Não era o momento dele rebentar

Já foi nascendo com cara de fome

E eu não tinha nem nome pra lhe dar

Como fui levando, não sei explicar

Fui assim levando ele a me levar

E na sua meninice ele um dia me disse

Que chegava lá

Olha aí

Olha aí

Olha aí, ai o meu guri, olha aí

Olha aí, é o meu guri

E ele chega

Chega suado e veloz do batente

E traz sempre um presente pra me encabular

Tanta corrente de ouro, seu moço

Que haja pescoço pra enfiar

Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro

Chave, caderneta, terço e patuá

Um lenço e uma penca de documentos

Pra finalmente eu me identificar, olha aí

Olha aí, ai o meu guri, olha aí

Chega no morro com o carregamento

Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador

Olha aí, é o meu guri

E ele chega

Rezo até ele chegar cá no alto

Essa onda de assaltos tá um horror

Eu consolo, ele me consola

Boto ele no colo pra ele me ninar

De repente acordo, olho pro lado

E o danado já foi trabalhar, olha aí

Olha aí, aí o meu guri, olha aí

Olha aí, é o meu guri

E ele chega

Chega estampado, manchete, retrato

Com venda nos olhos, legendas e iniciais

Eu não entendo essa gente, seu moço

Fazendo alvoroço demais

O guri no mato, acho que tá rindo

Acho que tá lindo, de papo pro ar

Desde o começo, eu não disse, seu moço

Ele disse que chegava lá

Olha aí, o meu guri, olha aí

Olha aí, é o meu guri.

(Chico Buarque de Holanda)

A exclusão social de crianças e adolescentes é o grande indicador das conseqüências que o modelo de crescimento econômico capitalista, de um capitalismo selvagem, pode acarretar.

O fator mais importante que explica o problema dessas crianças e adolescentes é de natureza sócio- econômica.

“Contrariamente ao que aconteceu no processo de industrialização dos países que hoje constituem o bloco de economia avançada, a industrialização no mundo subdesenvolvido ou em vias de desenvolvimento está se fazendo segundo o modelo de tecnologia avançada, poupador de mão-de-obra e altamente exigente de qualificação, que contrasta com a enorme mão-de-obra nele disponível à causa da explosão demográfica e com a pouca ou nenhuma qualificação de grande parte desse contingente. Isto gera desempregos e subempregos que engrossam o setor marginalizado. Trata-se de um processo de exclusão, gerado por um modelo de desenvolvimento que não leva em conta a realidade e os interesses nacionais, mas visa unicamente a uma economia de baixo custo e de alto rendimento.”(SIRGANO,p.54,1980).

Ao contatarmos meninas e meninos de rua perceberemos que seu grande sonho é ter uma vida digna, casa, alimentação, educação, saúde, lazer. Nada mais que um pai, uma mãe, irmãos, uma família ao seu lado para compartilharem o amor e o respeito.

O problema dos meninos de rua começa em casa. A maioria das crianças vem de lares em estado de colapso, com pais destruídos pela falta de emprego fixo e pelo alcoolismo. O passado marcado pela crueldade dos pais, que os violentam das mais diversas formas; para muitas crianças o lugar mais perigoso de se viver não é a rua e, sim a própria casa.

“As pressões recebidas pelos adultos freqüentemente se transformam em atos violentos. Existe violência contra os filhos em todas as camadas sociais, mas entre os pobres, que recebem mais agressões do meio e, por sua vez, já receberam esse tratamento na infância, percebe-se uma incidência maior, aguçada pelo alcoolismo e pela falta de privacidade (estupros pelos companheiros das mães e padrastos são um exemplo) “ (DREXEL, p51, 1996).

O grande sonho de casa, comida e carinho, está longe da realidade dessas crianças e adolescentes, pois o que elas realmente têm é um barraco na periferia, uma mãe impaciente, submissa e ausente, marcada pelo sofrimento. Filhos de pais desconhecidos, filhos da miséria e do crime, vítimas de uma educação inadequada, pois são educados através de uma cartilha de violência, que vai desde espancamentos até estupros. A criança que vai para a rua sabe que irá encontrar uma realidade às vezes menos violenta do que em suas casas.

Sabe-se que todos os seres humanos refletem as suas experiências de vida. Assim, desde criança sua personalidade vai se formando de acordo com a

realidade em que vive. Para o menino e menina de rua, a vida é profundamente desigual e a sociedade mais cruel ainda, pois ao exterminá-los, ela revela sua face. Esta mesma sociedade fecha os olhos e esquece que as crianças exterminadas, que ela classifica pejorativamente de “menores de rua”, um dia nasceram no corredor de um hospital ou posto médico, ou até numa viela escura, ou no frio de um barraco; cresceram convivendo diariamente com sessões de miséria e dor em seu lar.

“Não são meninos de rua, são meninos da miséria. Dar-lhes outra denominação que não esta já é mistificação. De rua, passaram a chamá-los, porque eles são a miséria que se torna ostensiva, que sai dos guetos que lhe estão reservados para incomodar, nas ruas, a indiferença que precisa ignorá-los, para continuar indiferença. A pobreza é a mesma, mas os que ficam nas favelas e nos cortiços não são meninos disso ou daquilo, não têm denominação. Nem movimentos de proteção, ou pretensa proteção. São meninos da desgraça discreta, logo não é preciso saber se têm fome e se estão vestidos, se têm remédios e dormem em uma enxerga ou no chão. Ou se foram assassinados. (FREITAS, p.5,1993).

Todos os dias os jornais estampam mais um caso de roubo, assalto, assassinato, seqüestro. Entre os envolvidos quase sempre há um jovem, entre 15 e 25 anos, nas duas pontas da violência: ele é o agente e ele é a vítima. "Acontece que o medo afasta, ao mesmo tempo que dá poder aos garotos, inclusive para ter coragem de praticar furtos e assaltos", comenta o padre Júlio Lancelotti, coordenador do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de São Paulo, ligado à Igreja Católica. "Outra reação é a indiferença", continua ele. Segundo Lancelotti, para muita gente os meninos e meninas nas ruas e praças da cidade fazem parte do cenário urbano, como se a exclusão social e a miséria fossem algo normal. "Será que as pessoas estão vacinadas contra a solidariedade e a indignação?", questiona.

Lancelotti é um dos muitos “Betinhos” que continuam na luta pela defesa da cidadania. Para ele, qualquer garota ou garoto marginalizado dispensa o olhar piedoso da sociedade, pois o que se precisa é de ação. "Ação do poder público nas políticas de educação, de saúde e de assistência ao menor", diz o padre. Ele ainda comenta sobre a questão da redução da idade penal de dezoito para

dezesseis anos ou até para catorze anos, proposta que está sendo reivindicada por alguns segmentos da sociedade: "Não vamos diminuir a violência penalizando as pessoas mais cedo ou aumentando o número de presos nas cadeias".

A lei assegura a todas as crianças o direito de casa, alimentação, saúde, uma família, alguém que seja o tutor até completarem a maioridade, pois as crianças são consideradas "seres incapazes", necessitando assim de cuidados.

Todos nós sabemos dos direitos concedidos pela Constituição, mas será que eles são respeitados?

Constatamos que não, pois a realidade não é transparente e nem justa como as páginas do Código Civil e da Constituição; e também não é colorida como os apelos que vão ao ar nas emissoras de televisão. Nas ruas e avenidas, os semáforos estão cada vez mais abarrotadas de crianças pedindo esmolas, vendendo doces, que se penduram nos carros com a esperança de conseguirem talvez garantir a sobrevivência familiar, para a qual muitas delas trabalham.

"No Brasil, é preciso construir uma política de atendimento à criança e ao adolescente, tendo em vista o respeito pela sua dignidade e o reconhecimento de sua cidadania na forma proposta pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990). Em vez disso, partiu-se para uma política de intimidação e de eliminação..." (BICUDO, p.23, 1994)

Infelizmente, esta é a dura e cruel realidade que assombra os meninos e meninas que perderam a dignidade humana, não por culpa própria, e continuam sonhando com tudo aquilo que um pedaço de papel lhes assegura. O Estado, porém, com certeza, não se sente culpado e deve acreditar-se isento de responsabilidade no que se refere a essa problemática, pois a culpa recai sempre sobre a sociedade, que por sua vez está farta de pagar taxas e impostos, e não obter retorno de coisa alguma, nem mesmo o amparo ao "menor".

A realidade mostra-nos através de flashes diários, no decorrer do dia, que cada vez mais os meninos e meninas de rua vêm a luz no fim do túnel estreitar-se e não existe ao menos uma mão para acariciar os duros e sujos cabelos, nas vinte e quatro horas de longos suspiros de sonhos e árduo suor de desilusão.

2.3 VIOLÊNCIA

Tribunal de Rua

A viatura foi chegando devagar
E de repente, de repente resolveu me parar
Um dos caras saiu de lá de dentro
Já dizendo, aí compadre, você perdeu
Se eu tiver que procurar você tá fudido
Acho melhor você ir deixando esse flagrante
comigo
No início eram três, depois vieram mais quatro
Agora eram sete samurais da extorsão
Vasculhando meu carro
Metendo a mão no meu bolso
Cheirando a minha mão

De geração em geração
Todos no bairro já conhecem essa lição
Eu ainda tentei argumenta
Mas tapa na cara para me desmoralizar

Tapa na cara pra demonstrar quem é que manda
Pois os cavalos corredores* ainda estão na banca
Nesta cruzada de noite encruzilhada
Arriscando a palavra democrata
Como um Santo Graal
Na mão errada dos homens
Carregada em devoção

De geração em geração
Todos no bairro já conhecem essa lição

O cano do fuzil, refletiu o lado ruim do Brasil
Nos olhos de quem quer
E me viu único civil rodeado de soldados
Como se eu fosse culpado
No fundo querendo estar
A margem do seu pesadelo
Estar acima do biotipo suspeito
Mesmo que seja dentro de um carro importado

Com um salário suspeito
Endossando a impunidade à procura do respeito
Mas nesta hora só tem sangue quente

Pois nem sempre é inteligente
Peitar um fardado alucinado
Que te agride e ofende pra te
Levar alguns trocados
Era só mais uma dura
Resquícios da ditadura
Mostrando a mentalidade
De quem se sente autoridade
Neste tribunal de rua.
(O Rapa – Lado B Lado A)

Uma reflexão sobre a violência deve começar pela compreensão do conceito de cidadania. O termo cidadania tem muitas conotações, mas a princípio, poderíamos entender que ser cidadão é ter assegurado o direito à participação social de modo consciente.

A cidadania não é uma concessão do Estado, mas uma conquista do povo. Obtida no decorrer de muitas lutas na história da humanidade. Na sociedade moderna, nascida das transformações que culminaram na Revolução Francesa, o indivíduo é visto como homem (pessoa privada) e como cidadão (pessoa pública). Ser cidadão é possuir direitos e deveres para com a coletividade da qual participa. E isso só é possível em um Estado democrático, respeitando-se as instituições estabelecidas pelo povo através da Constituição.

* Eram denominados cavalos corredores os grupos de extermínio ligados a polícia militar.

“Nesse sentido, a República brasileira, em mais de um século de existência, ainda não conseguiu realizar uma política democrática. Os princípios básicos das democracias modernas, como o direito de todos os indivíduos à liberdade de pensamento, associação, credo, locomoção, manifestação da opinião por intermédio da imprensa e da propaganda, são garantidos por lei. Tais princípios são a base necessária para a participação do cidadão na sociedade capitalista. Porém, o acesso a esses mecanismos é restrito. Vejamos um exemplo: o domicílio de qualquer cidadão é inviolável e o direito à proteção é garantido por lei. No entanto, freqüentemente vemos na televisão os barracos das favelas serem invadidos pela polícia sem qualquer consideração. Tais ações demonstram como esses cidadãos, relegados a uma situação de pobreza, são alvos de ações arbitrárias e sofrem a discriminação social.” (SCHLESENER, p.183, 2000)

A história da criança brasileira é uma história de enormes contradições e desrespeito a cidadania. Para a maioria das crianças não é reconhecido sequer o direito de ser criança.

Vivemos numa sociedade que subtrai os direitos dos pequenos e os chama de agressores, que rouba os pobres e os marcam como assaltantes, que provoca fome e doenças desde o nascimento e aponta adolescentes e jovens como perigosos, que marginaliza os pequenos e os denomina de marginais, que esbanja e ostenta o luxo e a riqueza e incrimina aquele que está despossuído, vítima de uma situação econômica e social injusta.

Quando crianças e jovens são menosprezados pela sociedade em todos os âmbitos, desenvolvendo-se num mundo à parte, sem benefícios e responsabilidades, ingressam nos delitos, no vício e na violência.

“(…) os caminhos da morte são trilhados pelos menores mais diretamente atingidos pela violência estrutural, a saber, os oriundos das classes populares, que vivem em desvantagens, não só materiais como também afetivas, emocionais e cognitivas. Vivem miseravelmente, mas espera-se que essas crianças e adolescentes se tornem seres humanos. Eles chegam aos caminhos da morte por necessidades financeira, revolta familiar, cobiça, brincadeira, valentia, fuga da realidade. E esses fatores conduzem às avenidas do roubo, ao tráfico e / ou ao uso de drogas, à prostituição, ao crime e a outras situações violentas do enfrentamento do cotidiano. Tudo sem a perspectiva do alcance da cidadania”. (BICUDO, p.25,1994)

Este país, sempre submerso em crises econômicas e omissões na proteção às crianças e adolescentes, não percebeu que passamos, desde a época da escravidão, dos maus tratos à infância, tão condenado mundialmente, ao extermínio de menores. A grande maioria destas crianças e adolescentes vive nos bairros periféricos das capitais, em favelas, crescendo em inadequadas condições de vida. A péssima visão das chamadas valas negras, dos lixos entulhados nas esquinas, da pobreza das casas, da falta de policiamento, da falta de atividades que congreguem esses adolescentes com produtividade e ações positivas dentro da comunidade, deixa-os expostos à cruel “lei da sobrevivência”, em que cada um procura defender a sua pele, recorrendo a assaltos, drogas e prostituição.

A criança que vive “na rua” é aquela que passa grande parte do tempo perambulando, vendendo nos semáforos, fazendo biscates, mas que ainda tem algum vínculo familiar; ou seja, tem para onde e para quem voltar, mesmo que não o faça diariamente, por inúmeros problemas que encontra dentro de casa, como ignorância, violência, estupro, falta de afeto, trabalho precoce, paternidade não identificada, maternidade acidental etc.

“Na verdade, a vida das meninas e meninos de rua envolve uma mistura de experiências infantis, juvenis e adultas, que se superpõem no mesmo momento e sempre de modo drástico: à beira da morte, sofrendo o medo, atacando e sendo atacado. Vivenciam um cotidiano que os impede de projetar expectativas para si e para as pessoas com quem se relacionam. Seus anseios, toda a sua estrutura existencial, referem-se ao que pode ser obtido de imediato: o dinheiro para “descolar uma beca nova”; a maconha, a cola ou droga que propicie uma fugaz sensação de alegria(...) Eles não elaboram expectativas para além do momento presente – não há a segurança de se alcançar o momento futuro, uma vez que não possuem qualquer controle sobre as condições que vivenciam”. (BICUDO, P.25-26,1994)

A criança “de rua” é aquela que faz da rua a sua casa em todos os momentos, que não preserva mais os laços familiares, a ponto de perder o contato definitivamente; organiza-se em grupos, escolhendo determinados logradouros públicos como referência, como ponto de encontro e dedica-se a biscates ou pequenos furtos.

Filhos da miséria e do crime, os meninos de rua são diferentes dos rótulos que a sociedade lhes impõe . Muitos deles freqüentaram escolas, sabem ler e até escrever, ainda que tenham caligrafia garranchuda. A maioria não saiu de casa para fugir da pobreza, mas para escapar de um cotidiano de brutalidade, típico das famílias em colapso. São pais sem profissão definida, quebrados pelo alcoolismo, que educam seus filhos através de uma cartilha de violência, espancamentos e mesmo estupros.

“Não existem, no Brasil, estudos sobre a violência doméstica como importante causa da fuga de meninos e meninas, a maioria certamente na fase da adolescência, da casa para a rua. Seguramente, as crianças e os adolescentes não passam a viver nas ruas apenas para ganhar dinheiro que complementar o orçamento doméstico ou para fugir da miséria da família. Fogem também porque são física e/ou sexualmente vitimizados pelos familiares. Evidentemente, a fuga pode ser detonada por mais um fator. A violência doméstica constitui, com freqüência, um componente importante da situação familiar. Depoimentos de meninas de rua realçam a relevância da violência sobretudo de caráter sexual” (SAFFIOTI, p163,1997)

Os garotos só roubam, matam e morrem porque existe uma sociedade adulta que utiliza os seus serviços baratos. São traficantes de drogas que os recrutam como entregadores. Revendedores de mercadorias roubadas que adquirem seus relógios à baixo preço. Há toda uma indústria criminosa, ligada a determinadas setores da máquina policial, que lucra com os crimes dos meninos e, mais tarde, garante a impunidade a seus assassinos.

“ Cada vez mais evidente, a pobreza é estigmatizada, quer pelo caráter de denúncia da falência da sociedade e do Estado em relação às suas funções junto à população, quer pelo contraste com a abundância de produtos, ao qual já nos referimos, quer pelo perigo iminente de convulsão social que para ela aponta. A violência e a agressividade aumentam, criando um clima de guerra civil nas grandes cidades, onde os índices de criminalidade são alarmantes. Ao medo e à insegurança, gerados na população, associa-se o preconceito e uma atitude de discriminação contra as camadas pobres da população, as favelas e os centros das cidades. Generalizam-se medidas arbitrárias de violência e brutalidade, as chacinas, os linchamentos e os assassinatos.” (COSTA, p.264, 1998).

Há milhares de crianças à espera de soluções, viajando em caminhos inseguros pelas madrugadas brasileiras, sem almoço ou jantar, escondidas em viadutos, dormindo em bancos de praça ou sob porões mofados de velhas construções. Elas vivem da esperança de que haja, um dia, uma oportunidade de resgatarem sua dignidade.

2.4 CRENVI (CASA DE RECUPERAÇÃO NOVA VIDA)

“ Nós vos pedimos com insistência:

Não digam nunca: isso é natural!

Diante dos acontecimentos de cada dia,

Numa época em que reina a confusão,

Em que corre sangue,

Em que o arbitrário tem força de lei,

Em que a humanidade se desumaniza,

Não digam nunca: isso é natural!

Para que nada passe a ser imutável!”

(Bertold Brecht)

As sucessivas discussões acadêmicas a respeito do papel da Educação Física na sociedade, aliadas a uma indignação perante as injustiças sociais que eram submetidas as crianças e adolescentes pobres, fizeram com que em 1998 surgisse um pré-projeto denominado “Nova Vida”.

Este pré-projeto consistia em ministrar aulas de Educação Física na CRENVI (Casa de Recuperação Nova Vida), uma ONG que trabalha em Curitiba na reinserção social de meninos de rua e em situação de risco. A entidade conta com dois núcleos, Bacacheri e Campo Magro, e recebe auxílio financeiro de doações, prefeitura e também de uma panificadora interna operada pelos próprios adolescentes. O núcleo do Bacacheri, localizado em bairro residencial, contava em suas instalações com uma cancha de futebol de areia, panificadora, refeitório, capela e dormitórios. Não haviam nesta casa muitos cuidados com a segurança, pois os muros eram baixos e os portões muitas vezes ficavam abertos. Por esses motivos os meninos novos da CRENVI, que precisavam passar por um estágio de desintoxicação não ficavam neste núcleo e sim no núcleo do Campo Magro, que tinha outras características físicas. A Casa de Campo Magro esta localizada numa chácara afastada do perímetro urbano e em suas instalações verifica-se uma cancha de futebol de areia, horta, açude, dormitórios, sala de aula, e refeitório. As atividades realizadas nas duas casas pelos meninos eram

semelhantes. Realizavam tarefas de conservação e manutenção dos núcleos (faxina, carpir etc...), dobravam, envelopavam e etiquetavam folhetos para mala direta, Tinham aula quando existia professora na casa, participavam de palestras com um pastor, nas quais era abordada a religião. Quando algum menino fazia algo que fosse contrário aos regulamentos das casas, o mesmo ficava sob “disciplina”¹.

As pessoas que trabalhavam nas casas e que eram responsáveis por fiscalizar e aplicar as punições aos meninos, os chamados “obreiros”, eram pessoas, na maioria das vezes, desqualificadas, que cometiam arbitrariedades freqüentes contra os meninos. Dentre essas arbitrariedades temos banhos gelados, prender e algemar os meninos em quarto escuro, cortar todos os tipos de lazer e até mesmo providenciar a transferência dos meninos para outras instituições com disciplina mais rígida como os Educandários. Inicialmente o pré-projeto teve a minha participação como aluno de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, recebendo posteriormente o auxílio do Mário Cerdeira Fidalgo.

Após onze meses de trabalho voluntário, realizado duas vezes por semana: onde um dia da semana era destinado ao núcleo Bacacheri e outro dia ao núcleo Campo Magro, o pré-projeto foi apresentado à Universidade Federal do Paraná e acabou virando um projeto de extensão da Universidade. Durante estes três anos e meio em que o projeto funciona os acadêmicos desenvolveram atividades de Educação Física na CRENVI, que abordassem os temas transversais (Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo). Entre as atividades realizadas temos jogos cooperativos, dinâmicas de grupo, palestras e contextualizações das atividades.

¹ Era chamada de “disciplina” alguma medida punitiva.

O principal objetivo dos bolsistas foi promover a inserção social das crianças e adolescentes com a assistência, ou seja, proporcionar a estes indivíduos condições de “caminharem pelas próprias pernas” ao invés do assistencialismo, medida paliativa tão difundida na sociedade, que além de não resolver, contribui para agravar a situação da desigualdade social.

No início de nosso trabalho procuramos conhecer a realidade dos meninos da CRENVI. A entidade assiste em torno de 30 meninos na faixa de idade que vai dos 7 aos 18 anos, a maioria proveniente de famílias pobres e de ambientes domiciliares desestruturados.

Em termos pessoais, muitos deles apresentam dificuldade de aprendizagem, baixa expectativa de vida, agressividade, falta de perseverança, carência afetiva e dependência de drogas.

O nosso desafio frente a esse contexto era desenvolver uma pedagogia capaz de superar as distorções sociais produzidas pela sociedade classista e elitista.

2.4.1 Filosofia Pedagógica

“ Não creias no que os teus olhos dizem. Eles só mostram limitações. Olha com a tua inteligência, descobre o que já sabes e encontrarás a maneira de voar.”

(Richard Bach – Mensagens para Sempre)

O educador não deve conquistar nada pelo educando e sim, orientá-lo, ajudá-lo, motivá-lo a conquistar. Contudo, o fator fundamental para que o menino em situação de rua, em situação marginalizada, possa sair da condição de objeto e assumir a condição de sujeito, é a conscientização. Tomar consciência quanto às suas reais potencialidades e motivações, quanto ao papel social que ele ocupa ou deixa de ocupar, quanto à sua história particular e como esta se encaixa na história da coletividade.

Refletindo sobre a etimologia da palavra educação, vemos que ela vem do latim, de duas outras: e ou ex, que significa de dentro de, para fora; e ducere, que significa tirar, levar. Assim sendo, educar significa o processo de tirar de dentro de uma pessoa, o conhecimento presente nela.

“(...) A educação supõe, pois, que a pessoa não é uma ‘tábua rasa’, mas possui potencialidades próprias, que vão sendo atualizadas, colocadas em ação e desenvolvidas através do processo educativo”. (GUARESCHI, p.99, 1999).

Procuramos criar uma reflexão de diálogo, ou melhor, de respeito a realidade dos meninos da CRENVI. Tivemos de colocar em prática a verdadeira democracia, que exige um diálogo transparente e direto, além de uma posição de igualdade e jamais de superioridade por parte do educador.

Na CRENVI esse trabalho de conscientização e do papel social dos meninos ocorria basicamente nas aulas de Educação Física. Durante as aulas os acadêmicos procuravam transmitir através das atividades e de posteriores discussões, atitudes positivas em relação ao mundo. Havia a preocupação de capacitá-los a tomar decisões por opção consciente, fruto de reflexão crítica.

Para que se consiga realizar tal façanha é necessário que se considere o menino como um ser único, portador de uma história e de um futuro latente também únicos. É preciso que se esteja lado-a-lado numa relação de troca, e por que não dizer, de transformação mútua. Por outro lado, não se deve deixar de assumir um papel de autoridade. Assumir a autoridade de educador implica uma posição e não uma direção frente as demandas do educando. Acompanhar passivamente o seu processo não é suficiente, mas a imposição, mesmo que sutil, também não é eficaz no sentido de alcançar mudanças. A atuação do educador não deixa de ser uma atuação política por mais neutro que ele pretenda ser.

“ O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um ‘compromisso’ contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros. Estão ‘comprometidos’ consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível.” (FREIRE, p.19, 1999)

As mudanças em uma sociedade, se configuram a partir da dinâmica das relações que os homens mantêm entre si e com a realidade que os circunda. As mudanças sociais decorrem da capacidade que o homem tem de recriar e incorporar novos elementos à cultura que é legada e transmitida.

2.4.2 Atividades na Construção da Cidadania

As atividades desenvolvidas junto aos meninos da CRENVI, na maioria das vezes estão baseadas em jogos e brincadeiras altamente difundidos na cultura brasileira. Porém modificadas de tal maneira para que possam proporcionar uma reflexão crítica das mesmas em detrimento dos conceitos e pré-conceitos passados pelas atividades não modificadas.

“ Assim sendo, a Educação Física tem um valor em si mesma e faz parte de uma prática coletiva que pode facilitar mudanças de atitudes e/ou de comportamento. Neste caso, além da prática, o indivíduo passa a ter uma consciência corporal que vai lhe proporcionar, através da socialização, intercalada de momentos de reflexão, o sentido da unidade do corpo. Deste modo, o conhecimento do corpo, aliado a uma experiência multissensorial e psicomotora, produz aspectos de valia em relação ao indivíduo e à conduta, enriquecendo, ao mesmo tempo, o seu comportamento social.” (DIAS, p.27, 1996).

Entre as atividades que mais proporcionaram uma reflexão sobre a importância de se exercer a cidadania e resgatar a auto-estima, podemos destacar o Futebol das Classes Sociais e a Dança das Cadeiras (adaptada).

O **Futebol das Classes Sociais** tem como objetivo desenvolver a capacidade de perceber e analisar as desigualdades e os conflitos que marcam a nossa sociedade. Além disso, visa fortalecer o papel político desses meninos como cidadãos e agentes transformadores dessa realidade.

São formados dois times, sendo que um será o time dos pobres e o outro dos ricos. Estes dois times começam o jogo nas regras e regulamentos do futebol. No decorrer da atividade o jogo é interrompido e o educador vai questionar o número de jogadores nos dois times. Será que na nossa sociedade existem ricos e pobres em igual proporção? Após a reflexão e a conclusão dos meninos que na sociedade existem mais pobres que ricos os times são divididos novamente, sendo que desta vez o time dos pobres vai ficar com mais jogadores.

Continua o jogo e após uma desvantagem do time dos ricos por conta do número inferior de jogadores a atividade é novamente interrompida. Surge então a seguinte pergunta: Na sociedade em que vivemos as regras são iguais para todos (ricos e pobres)?

Depois dessa análise se chega a seguinte conclusão: os ricos, apesar de estarem em menor número são os que ditam as regras, que geralmente os beneficia em detrimento dos pobres. Novas normas são estabelecidas. Nesse momento, imitando a vida real, as regras e regulamentos vão ser reformulados pelos integrantes do time dos ricos, sem que se consulte os integrantes do time dos pobres.

Algumas regras que geralmente surgem nesse momento são as seguintes: os pobres só poderão fazer gol de calcanhar; toda e qualquer

infração, seja cometida por qualquer um dos times, será cobrada a favor do time dos ricos. Prossegue o jogo e naturalmente o time dos ricos começa a fazer um gol atras do outro, gerando revolta no time dos pobres e discussão entre os dois times. É interessante observar nesta fase os comentários provenientes dos dois times:

Time dos pobres: “Assim não dá, isso não tá certo”

“Não vou mais jogar”

“Porque que eles podem tudo e agente não pode nada”

“Posso não conseguir fazer gol, mas também eu vou quebrar”

Time do ricos: “Eu sou rico, eu é que mando”

“ Pobre é assim mesmo, desiste fácil.”

“Pobre só sabe reclamar”

Quase no final da atividade o educador motivará os integrantes do time dos pobres a planejarem estratégias para ganhar o jogo, mesmo com toda adversidade existente. Conceitos como companheirismo, solidariedade e não violência são reforçados nessa hora. Os jogadores se reúnem e acabam percebendo que um precisa do outro no combate as arbitrariedades e mesmo que eles não ganhem o jogo, percebem a importância da reflexão e da união na tomada de decisões.

Após o jogo é feita uma plenária com os dois times, onde todos os diálogos e ocorrências na atividade são colocadas e analisadas com o objetivo de se fazer uma reflexão mais ampla da realidade desses meninos no contexto social.

Através dessa atividade o egoísmo, a dispersão anárquica, a exploração dos grandes, dos fortes e dos “expertos” , sobre os pequenos, fracos e ingênuos vão sendo questionadas. Os participantes começam a ultrapassar os particularismos de seus interesses individuais e posturas

personalistas. Os educandos enriquecem suas personalidades e sua visão de mundo, pela vivência de valores como a solidariedade, a partilha, a criatividade, a autocrítica e o lazer sadio e construtivo.

“ Em contraposição ao individualismo dos últimos séculos, a solidariedade vai certamente ser o grande valor inspiracional dos próximos séculos. E em lugar do conflito, a solidariedade vai definir a “nova dialética” das lutas sociais de transformação.” (BOFF, p.116, 1998).

Outra atividade interessante é a **Dança das Cadeiras adaptada**. Esta atividade se inspira em uma brincadeira muito difundida na mídia pelos programas infantis. Assistindo a tais programas nos deparamos com uma atividade em que crianças em fila circundam cadeiras ao som de uma música e quando a mesma para, estas crianças tem que sentar nas cadeiras. A cada rodada sempre terá um número menor de cadeiras em relação as crianças e aquela criança que ficar de pé terá que sair da brincadeira. Pensando nesta atividade tão excludente é que surge a Dança das Cadeiras Adaptada. Ela começa exatamente igual a outra, até que saiam algumas crianças da brincadeira. Nesta hora a atividade é interrompida e aqueles que ficaram de fora são chamados para responder algumas perguntas tais como: Foi legal sair da brincadeira logo no início? É bacana ficar assistindo as outras crianças se divertindo enquanto você está do lado de fora?

Feito isto, as regras são mudadas. O educador dirá que na nova brincadeira ou todo mundo perde ou todo mundo ganha, pois a cada rodada somente sairão cadeiras do jogo e todos devem sentar, se alguém não sentar todos perdem, se todos sentarem todos ganham. Recomeça a brincadeira e as crianças logo percebem que deverão sentar dois ou três ou quatro numa mesma cadeira.

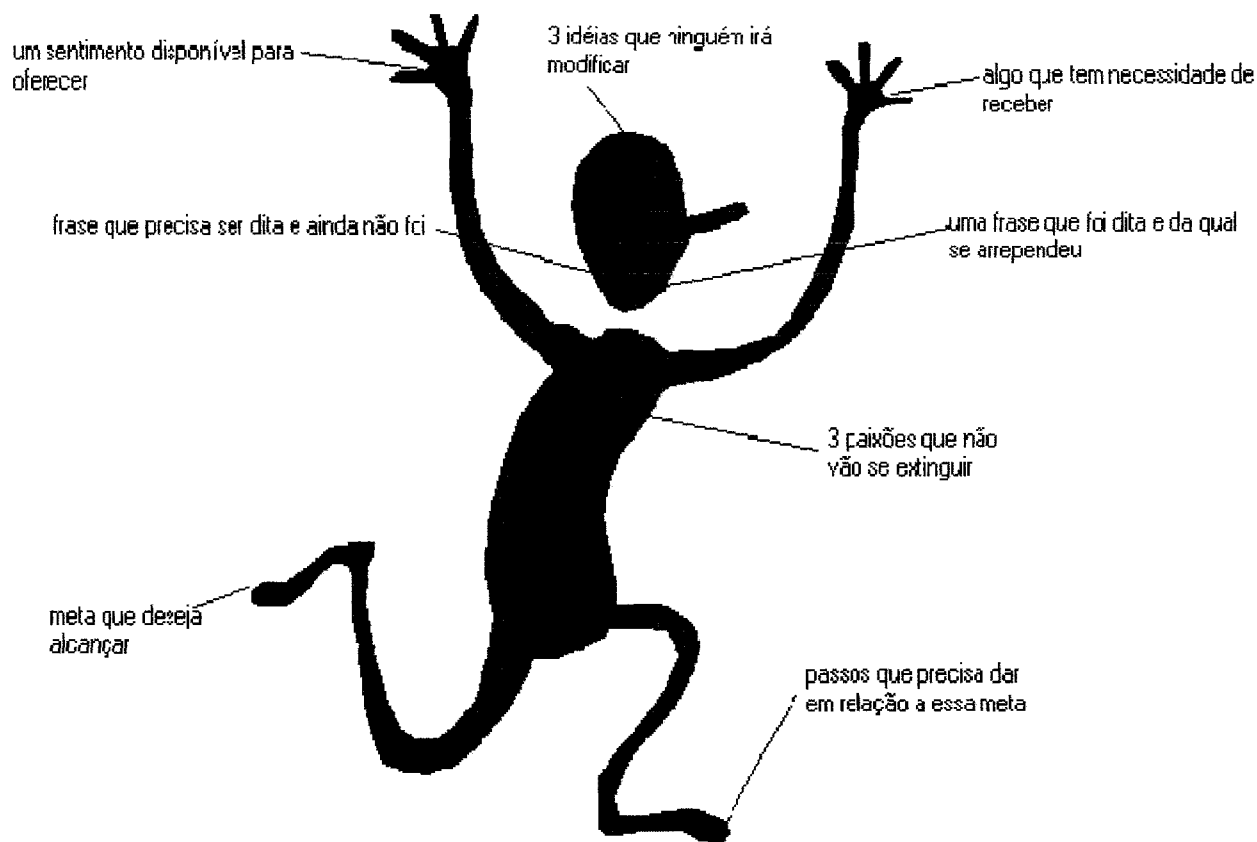
É impressionante as alternativas e táticas que os meninos utilizam para que a brincadeira continue até o fim (todos os participantes sentados em uma única cadeira). É claro que esta brincadeira é realizada de

maneira segura para que ninguém se machuque, por isso o educador se utilizando de bom senso vai deixar no fim da brincadeira, dependendo do número de participantes mais de uma cadeira, podendo até substituir as cadeira por colchonetes ou por jornal.

Quando a brincadeira acaba é hora de discutir a atividade. Todos os participantes até hoje acham a atividade adaptada mais divertida e interessante que a original. Temas como o preconceito, a exclusão, a união entre as classes são abordados de maneira informal, fazendo-se um paralelo entre a brincadeira e a vida real.

Como o objetivo principal das atividades era desenvolver a cidadania e inserção social do indivíduo, houve a preocupação de se trabalhar também a identidade dessas crianças e adolescentes. Para isso a técnica **Auto Retrato Desenhado** mostrou-se eficaz.

A atividade consistia em cada aluno, de posse de um lápis e folha em branco, desenhar um personagem e em seguida dar um nome a ele, depois disso o aluno deveria escrever algumas idéias, representadas por balões em determinadas partes do corpo do personagem (cada uma das mãos e pés, cabeça, boca e coração). Feito isso a criança ou adolescente deveria colocar no verso da folha o que o seu personagem tem de semelhante e de diferente consigo. As idéias expressadas nos balões seguiam um modelo proposto:



Terminada a atividade, cabe ao educador promover o debate entre os educandos sobre as descobertas que fizeram. Essa dinâmica visa um maior conhecimento pessoal e maior integração grupal.

“Ao animador do grupo cabe esclarecer as situações, levar as pessoas a interiorizar seus problemas, provocar uma sincera reflexão, despertar a solidariedade grupal e ainda criar um ambiente de compreensão e de aceitação mútua, de autêntica fraternidade e de acolhida, para que cada qual, sustentado psicologicamente, encontre resposta positiva às suas inclinações naturais de segurança, de reconhecimento, de aceitação e de valorização pessoal.” (FRITZEN, p.8, 1983).

Ao aplicar essas atividades houve a preocupação do educador em não dar soluções aos problemas que surgiram, mas o de promover a consciência de que os mesmos existem e que o grupo, através do diálogo, deve enfrentá-los e procurar as situações.

Os quadros em anexo, contendo os desenhos dos meninos procura demonstrar os mais variados tipos de representações sobre seus anseios, necessidades, desejos, realizações, expectativas, incertezas etc.

3. METODOLOGIA

Este trabalho caracterizou-se por uma pesquisa social com investigação participante, que segundo Gil (1989, p.43) é um processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.

Entende-se como realidade social, todos os aspectos relativos ao ser humano em seus múltiplos relacionamentos com outros seres humanos em instituições sociais.

Primeiramente partiu-se de um levantamento bibliográfico e documental para compreender o processo histórico que a Educação Física passou até chegar a uma visão mais crítica e atuante do profissional no contexto educacional, principalmente, no trabalho com as classes menos favorecidas.

Sendo assim, surgiu o questionamento sobre como o profissional da Educação Física pode desenvolver ações que tenham como objetivo a análise crítico superadora da realidade dessas classes. É importante ressaltar, que a educação não ocorre apenas dentro do sistema do ensino oficial, dos currículos e programas desenvolvidos na escola. Ao lado da educação formal, existe aquela em que o saber passa de pai para filho, das experiências de vida, do mundo do trabalho, enfim, do aprendizado que ocorre no cotidiano das pessoas.

“Estas palavras mostram que existem, pelo menos, uma educação formal, a da escola, e uma educação informal, que se encontra fora das fileiras oficiais do sistema e que envolve a vida dos lavradores, dos operários, dos índios, das lavadeiras, dos velhos e das crianças etc.” (DUARTE,p13, 1983).

Como pesquisador participante atuei durante três anos como bolsista da Universidade no projeto “Nova Vida”. Este trabalho foi desenvolvido por mim e colocado em prática no espaço da CRENVI (Casa

de Recuperação Nova Vida), que trabalha na inserção de meninos que apresentam um histórico de miséria, dependência de drogas e criminalidade. O objetivo foi desenvolver um projeto que resgatasse a cidadania e a auto-estima desses jovens.

Partindo-se da hipótese que o profissional de Educação Física pode realizar um trabalho multidisciplinar comprometido com a realidade das classes menos favorecidas, busquei através de literatura, conhecer experiências que tinham o mesmo objetivo. A partir daí, fui construindo através de acertos e erros, ações educacionais calcadas no diálogo, na troca de experiências e na análise crítica.

A pesquisa tomou por base as técnicas de observação participante, conversas informais e análise documentária e bibliográfica.

A observação participante ocorreu basicamente com o meu envolvimento nas atividades da CRENVI, como educador e pesquisador. O objetivo era obter uma percepção completa e abrangente da realidade sócio-econômica das crianças e adolescentes da instituição estudada.

Foram mantidas conversas informais com pessoas envolvidas no projeto, internos e funcionários da Casa. O propósito dessas conversas foi o de obter subsídio para o desenvolvimento das práticas a serem trabalhadas por nosso grupo na CRENVI. Com base nas informações obtidas, foram utilizadas estratégias educacionais que buscassem problematizar temas específicos da realidade dos internos, como por exemplo, a questão da violência e do preconceito do qual são vítimas. A partir desse ponto, propiciar a análise crítica, promovendo uma conseqüente transformação do indivíduo e da sua realidade social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os três anos do projeto eu, juntamente com os demais bolsistas acabamos passando por inúmeras frustrações, alegrias e vitórias. Tínhamos muito claro em nossas mentes como deveria funcionar o projeto. Porém, o mundo sensível¹ que nos era apresentado se mostrava muito diferente do mundo inteligível² que almejávamos.

Trabalhando nos dois núcleos da CRENVI foi possível contar com uma pedagoga, uma psicóloga e nós da Educação Física. Essas diferentes áreas trabalhavam de maneiras isoladas dentro da Casa, quando na verdade deveriam se interrelacionarem em um trabalho conjunto.

Além disso, muitas vezes não havia recursos financeiros para manter a psicóloga e a pedagoga, e nesses períodos a Casa ficava sem uma ou as duas profissionais. Somente nós da Educação Física persistíamos, pois tínhamos um ideal e éramos subsidiados pela Universidade.

Também a direção da CRENVI, tinha uma concepção pedagógica totalmente distinta da nossa. Acredito que os únicos interesses do diretor da instituição eram livrar os meninos das drogas e da criminalidade. Para isso se utilizava de punições, arbitrariedades e também da religião.

No trabalho de Educação Física realizado na Casa, procurávamos desenvolver a cidadania, o senso crítico, a auto-estima dos meninos. Mas esse trabalho era difícil, pois ao mesmo tempo em que dizíamos as crianças e adolescentes que eles tinham que ter voz, que eles deveriam lutar pelos seus direitos, pelo seu espaço.

1 O mundo como ele é de fato.

2 O mundo que almejamos.

Após as atividades de Educação Física, a política da Casa em relação aos meninos era “Eu mando e vocês obedecem”.

A certa altura nosso trabalho passou a ser vigiado por uma psicóloga da Casa, que sugeriu uma Educação Física voltada mais para o Futebol. Apesar da sugestão nossas aulas continuaram no mesmo rumo que vinham sendo desenvolvidas.

Começaram a surgir conflitos entre a direção da Casa e os meninos. Algumas fugas acontecem e justamente em uma das fugas, o menino que fugiu denunciou a Casa, alegando maus tratos. A Casa então sofre intervenção do Estado e a direção perde a guarda dos menores infratores do núcleo Bacacheri.

Os meninos então passam para a Vila Guáira sob a tutela do Estado. É nessa hora que surge o convite ao nosso grupo para dar continuidade ao trabalho lá na Vila Guáira.

Devido a localização da nova casa e a incompatibilidade de horários dos bolsistas, resolvemos ficar com o outro núcleo da CRENVI (Campo Magro), só que trabalhando mais vezes durante a semana.

Trabalhar nesse projeto significou muito para mim e para os demais bolsistas, pois à medida que procurávamos desenvolver uma pedagogia que resgatasse a cidadania e a auto-estima dos meninos, descobríamos que também adquiríamos a consciência que a Educação Física pode contribuir como um componente pedagógico para a formação do Homem, que se constrói enquanto cidadão e agente da própria história.

Fazendo um balanço de como foi o nosso trabalho na instituição durante esses três anos, tivemos um resultado positivo. Os nossos objetivos aos poucos foram sendo atingidos. Temos consciência de que muito ainda precisa ser feito, mas isso é um trabalho contínuo movido por ideais e perseverança.

5.REFERÊNCIAS

BICUDO, Hélio. O Brasil cruel e sem maquiagem. São Paulo : Moderna, 1994.

BOFF, Clodovis. Como trabalhar com os excluídos. São Paulo : Paulinas, 1998.

COSTA, Cristina. Sociologia. Introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1998.

DIAS, Kátia Pereira. Educação Física X Violência. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

DIMENSTEIN, Gilberto. O cidadão de papel. A infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. São Paulo: Ática, 1994.

DREXEL, John. Criança e miséria: vida ou morte. Petrópolis: Vozes, 1990.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Jânio de. Meninos da miséria. IN : Folha de São Paulo, 27 de julho de 1993, caderno 1, p.5

FRTZEN, José Silvino. Exercícios práticos de dinâmica de grupo. Petrópolis, Vozes, 1983.

FRONTANA, Izabel C.R. da Cunha. Crianças e adoscentes nas ruas de São Paulo. São Paulo, Loyola, 1999.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1989.

GUARESCHI, Pedrinho. Sociologia crítica. Alternativas de mudança. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

JANATA, Natacha Eugênia. A educação física inserida no contexto educacional do movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Monografia de conclusão do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

OLIVEIRA, V. M. As pedagogias do consenso e do conflito: a produção teórica da educação física brasileira nos anos 80. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

QUEIROZ, Amélia Maria Noronha Pessoa. O caso Semear. A construção da identidade e a conquista da cidadania. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. IN: Quem mandou nascer mulher? Felícia Reicher Madeira (org.). Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos/Unicef, 1997.

SHLESENER, Anita Helena. Cidadania e política. IN: Para filosofar. Vários autores. São Paulo, Scipione, 2000.

SIRGANO, Angel Pinto. Uma pedagogia para o menor "marginalizado". IN: Educação e Sociedade, número 5. São Paulo: Cortez/ Autores Associados / Cedes, 1980

UFPR, Biblioteca Central. Normas para apresentação de trabalhos v 1-8, Curitiba: UFPR, 1994

ANEXOS 1

Fotos das atividades de Educação Física realizadas na CRENVI



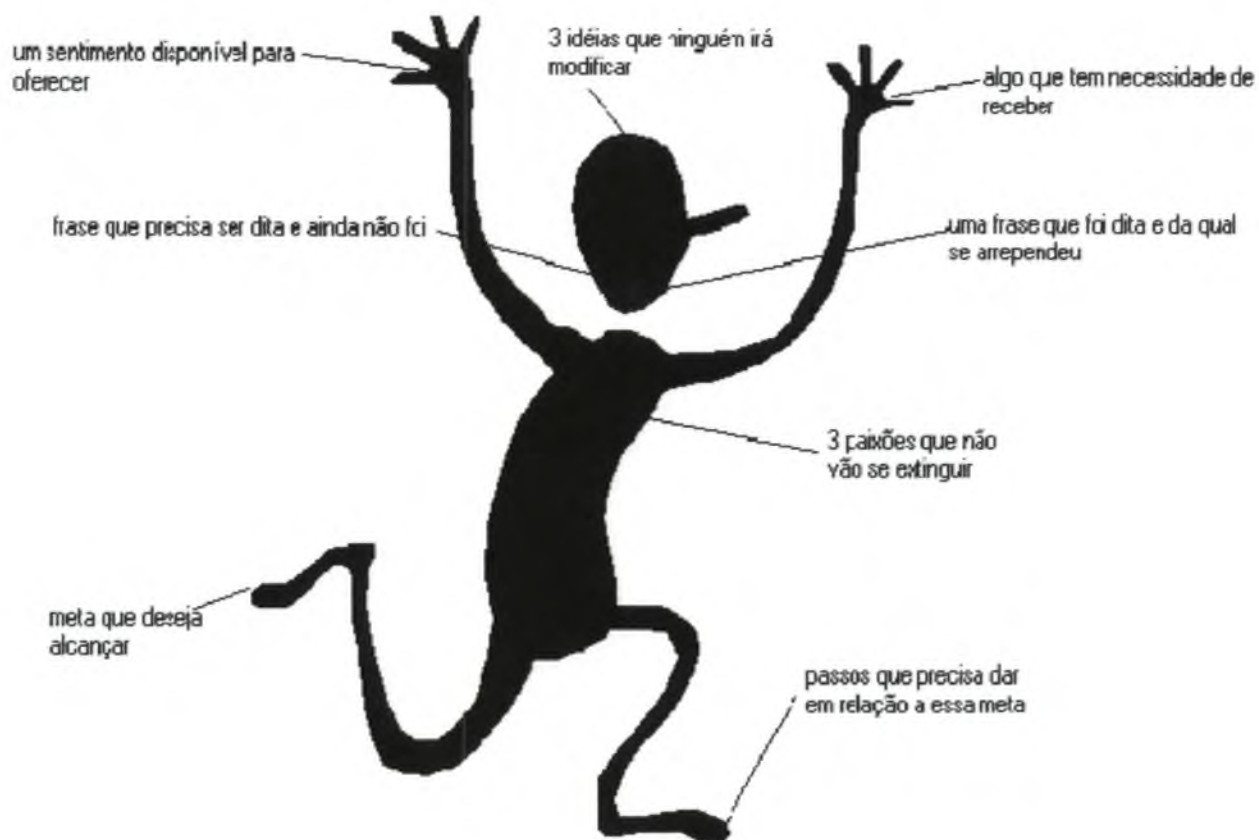
As duas fotos representam atividades no núcleo Bacacheri.



A foto superior foi tirada depois do "Futebol das Classes Sociais" e a foto inferior representa momentos antes da atividade.

ANEXOS 2

Desenhos feitos pelos meninos da CRENVI na atividade “Auto Retrato Desenhado”



Nas páginas seguintes temos os desenhos feitos pelos meninos da CRENVI na atividade auto retrato, já citada anteriormente.

MARILYN DYAN FROST - DEYLER POETA

QANE NEREKENDI
MILLETI
FAMOUSU FALAN CONSIGO!
FAMOUSU
DE PAROX, LINDA TE AMO

FAMA, ZELIYA, SOXSEGO



LIVROS, ELA, LIVROS

AMOR, AUTO-ESTIMA, ALGATIS

AMOR, SEGURANCA, PAZ

DESS
RESPONSABILIDADE

TÊLA, INDEPENDENCIA

Jackson

Billy
Jack



Devo sacar ⁴⁰ 1?!

Hei de vencer!...

Conquistara o
amor de Mary

Derrotara Clay Jr
~~Mary~~

Mary, eu amo voce!

amizade

carinhoso

- > cavalos;
- > revólveres;
- > dormir ao luar;

Xerife de
Kansas City

"derrotar" Clay Jr
 - casar w/ Mary
 = estabelecer-se em
 Kansas City
 - ganhar as eleições
 1/ Xerife

Shana Rawson



homens, Dinheiro, filhos
festas!!! etc

ME AJUDE!
Te odeio! :-2

namorado, família, Deus
etc

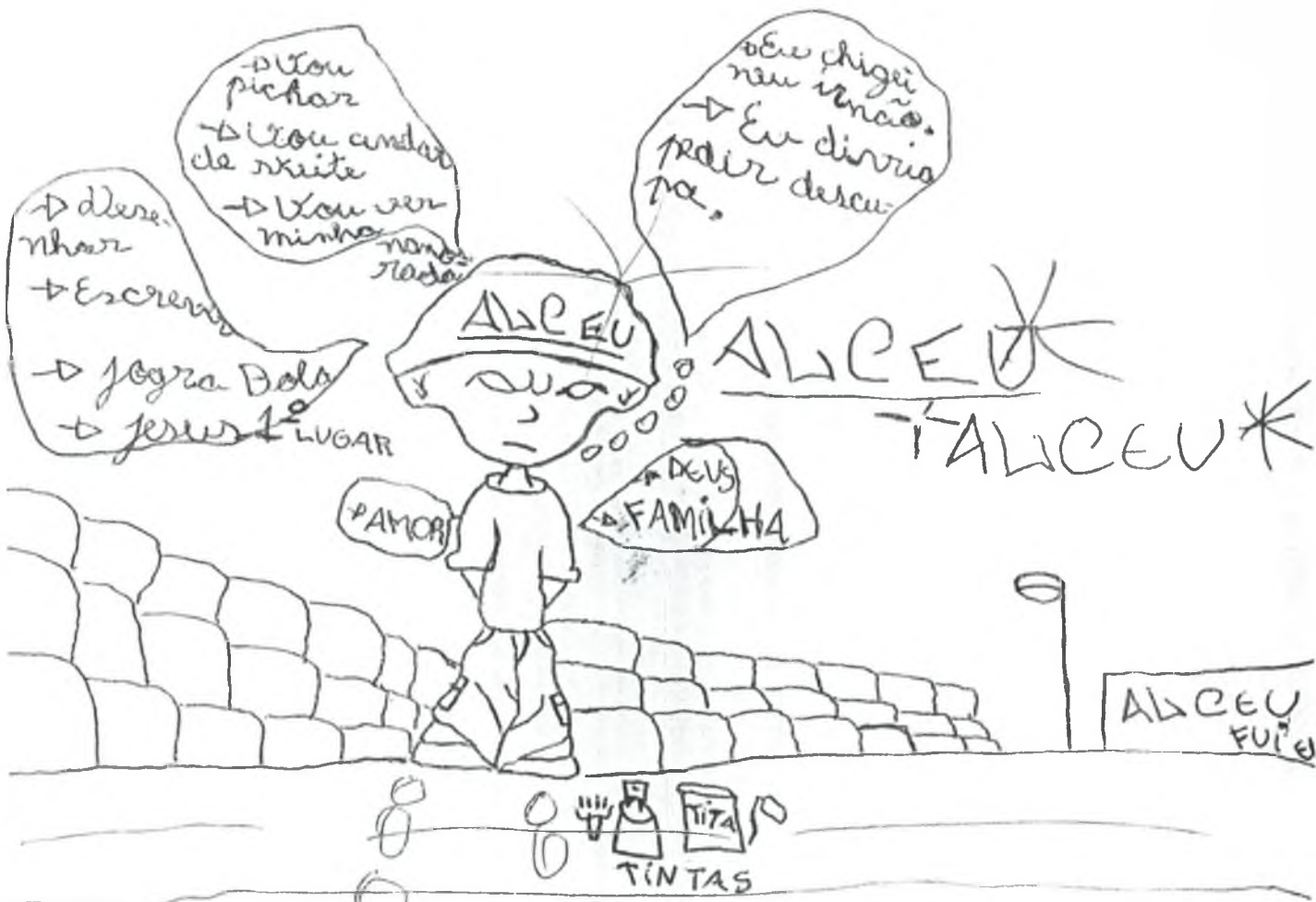
ATENÇÃO
SEGURANÇA etc

AMOR, carinho,
Afeto etc

Se empenhar
Não desistir etc

Ser muito
famoso





Estudar
 e ter um
 bom emprego

jogado de
 Bola.
 Dar uma colle
 para minha
 mãe

NOME = RODRIGO.C
II

AGORA NÃO
SOU MAIS
PORQUE
TENHO
DEUS NO
MEU CORAÇÃO

EM TROCA
TENHO
UMA FAMÍLIA
QUE SEMPRE
QUIZ.
SOU
FELIZ.

JA TENHO
DEUS
AGORA.
TENHO QUE
ESTUDAR
MAIS.

PROFÉTA

VOU SER
UM
ADVOCADO
OU
TER UM
CARRO.



1- EU SOU UM PASTOR.
2- SOU UM HOMEM DE DEUS. TENHO UMA FAMÍLIA.

SOU DROGADO E FALEI PARA MINHA MULHER

1- SO' PENSO NA MINHA MULHER. 2- SOU UMA ESPERANÇA PARA ELA
3- SOU UM HOMEM MAIS FELIZ DO MUNDO.

GOSTO DE AJUDAR OS CARENTES

EU VOS DEIXO MINHA PAZ
TÃO DIFÍCIL ENTRAR UM PÉCO
NO REINO DOS CEUS.

EU VENCI O MUNDO
EU VENCI A MORTE
EU VÓS SALVE-IS

JESUS ARTHUR

EU MORRI DE BRACOS
ABERTOS - PORTANTO
NÃO CRUZEM OS BRACOS
PARA MIM

PAZ
ESPERANÇA
AMOR

VENHAM ATE' AMIM
E EU VOS ALIVIAREI

PAZ
AMOR
ESPERANÇA

OBEDIÇA OS
MEUS MANDA-
MENTOS

ANDE NO CAMINHO CERTO
PORQUE O CEGADO TE LEVARA
A PERDIÇÃO

